

Mulheres em movimento: militância investigativa na Zona Oeste do Rio de Janeiro

Coletiva de Militância Investigativa
da Zona Oeste do Rio de Janeiro - MILITIVA*

É possível fazer pesquisa a partir dos saberes e dos conhecimentos que construímos dia a dia na lida com a terra, com a casa, com os nossos corpos, nossos territórios e na convivência com outras mulheres? Como sistematizamos os saberes e os conhecimentos de nosso dia a dia e os transformamos em instrumentos de leitura da realidade?

Essas questões foram se anunciando para nós à medida que nos encontramos motivadas a levar adiante uma pesquisa militante para mapear os conflitos socioambientais e as alternativas insurgentes desde nossos territórios na Zona Oeste do Rio de Janeiro, partindo das vivências, dos olhares e das práticas das mulheres.

Por toda América Latina, nossa Abya Yala, mulheres e feminismos diversos contestam a invisibilidade historicamente atribuída à nossa atuação política na resistência ao avanço de um modelo de desenvolvimento capitalista, patriarcal e racista que explora e esgota os bens naturais, nossos trabalhos, vidas e corpos.

Na Zona Oeste do Rio de Janeiro não é diferente. Multiplicam-se as ameaças e conflitos ambientais em decorrência de “grandes projetos de desenvolvimento” – empreendimentos econômicos e de especulação imobiliária – que tratam os territórios como espaços vazios e as populações que os habitamos como “obstáculos” ou “resíduos” a serem eliminados em nome do “progresso”. Diante disso, sentimos a necessidade de abordar, a partir de nossos olhares, essas realidades e suas implicações diretas em nossa vida cotidiana. Essa inquietação foi o ponto de partida para a construção de uma pesquisa militante que buscasse atender a tais reflexões.

A proposta de realização de uma pesquisa militante surgiu através do diálogo entre o *Instituto Políticas alternativas para o Cone Sul (Pacs)* e os movimentos sociais na Zona Oeste, destacando a atuação das mulheres

* Coletiva de mulheres de diversas idades, origens e profissões. Moradoras e militantes na Zona Oeste do Rio de Janeiro, território donde brotam muitas resistências em resposta às ameaças impostas pelo capital e pelo Estado em nome de um modelo de desenvolvimento que explora e esgota o bem comum e a nossos trabalhos, vidas e corpos.

auto-organizadas na *Coletiva Popular de Mulheres da Zona Oeste* e a *Roda de Mulheres da Rede Carioca de Agricultura Urbana*, sem as quais esse projeto não seria possível.

No ano de 2015, nos reunimos entre mulheres das diversas organizações que compõem essas articulações para planejar a construção deste trabalho que seguiria por três anos. Partíamos do entendimento de que a construção compartilhada da pesquisa poderia fazer desta um instrumento que contribuísse para gerar visibilidade e projetar a vivência das mulheres. Além disso, a sistematização coletiva de experiências e olhares sobre situações de opressão vividas viria a fortalecer, simultaneamente, nossas redes e territórios de resistência, assim como a construção de alternativas para o Bem Viver.

Destacamos 4 aspectos importantes da construção da militância investigativa na Zona Oeste:

1. A construção coletiva de leituras de território avançando na compreensão da relação entre os conflitos ambientais e os impactos nas vidas das mulheres, incluindo nosso território-corpo, através de *caravanas territoriais, andanças, atos públicos, oficinas, rodas de conversa, escuta e acolhimento*;
2. A *construção coletiva de conceitos* sobre as temáticas trabalhadas a partir das vivências desde os territórios;
3. O aprofundamento do trabalho em *coletivas menores por território* no que poderíamos chamar de “trabalho investigativo” a partir das resistências cotidianas das mulheres;
4. A construção final de uma cartografia feminista para comunicar uma pauta política elaborada por essa coletividade.

Num primeiro momento, organizamos caravanas pelos territórios da Baía de Sepetiba e do Maciço da Pedra Branca, entre 2015 e 2016. Mobilizamos diversas oficinas de mapeamento e cartografia social, rodas de conversa, escuta e acolhimento dos nossos corpos-territórios. Além dessa movimentação mais direcionada para garantir a coletividade no processo de pesquisa militante, continuamos a fortalecer os atos políticos e a auto organização da militância popular de mulheres na região, reconhecendo que a ocupação política da Zona Oeste incide sobre a construção de metodologias críticas, engajadas e feministas frente aos desafios impostos a nós mulheres. Com essa forma de atuação, e diante de nossa diversidade no próprio grupo, aos poucos fomos nos dando conta que apesar de sua abordagem crítica às formas hegemônicas de produção de conhecimento, a pesquisa militante tampouco parecia adequada para nomear a prática investigativa que costurávamos coletivamente.

A organização de um espaço de formação política e afetiva da pesquisa durante o Seminário Resistências Feministas e Territórios em Dis-

puta¹ em Junho de 2016 nos deu a chave para virarmos essa história e afirmar que a “pesquisa” antecedendo a “militância” invertia os valores que afirmávamos desde nossa prática. Não partíamos da academia engajada para a produção de conhecimento, mas sim da afirmação que através de nossa militância vivida nas cozinhas, nos quintais, nas praças, feiras e outros espaços, a partir da cotidianidade da luta, construímos conhecimentos. Temos saberes, práticas e “técnicas” que orientam nossas construções, em diálogo e relativa autonomia frente aos modos engajados disputando importantes territórios na academia. No processo, subvertemos ideias comuns sobre pesquisa e produção de conhecimento e desenhamos o que pode ser chamado de metodologia, para nós, uma prática política investigativa que carinhosamente chamamos *Militiva: a militância investigativa*.

Garantir e alimentar nossa coletividade de mulheres em militância que pesquisa nos territórios da Zona Oeste fomentou a construção de uma metodologia própria e a elaboração de conceitos sobre as temáticas trabalhadas a partir de nossas práticas e realidades desde os territórios. Afirmando os saberes, passados de geração em geração, de movimento a movimento, expusemos nossa criatividade transformadora. No segundo semestre de 2016, esse processo foi sendo aprofundado através do trabalho político em coletivas menores, por território. Cada uma delas com sua forma de construir militância investigativa, formando frentes investigativas a partir das suas singularidades e compondo as resistências cotidianas das mulheres na Baía de Sepetiba e no Maciço da Pedra Branca.

Um ano depois, em 2017, dedicamos nossos esforços a construção final de uma cartografia feminista para comunicar uma pauta política elaborada por essa coletividade. Assim, a cartografia feminista “Enfrentamentos aos racismos pelos olhares das mulheres” é uma síntese possível desse processo mais amplo de investigação pela auto-organização. E mais urgente também. Ele evidencia que os feminismos que construímos, em nossa diversidade, na Zona Oeste, são necessariamente anti racistas, numa cidade cada vez mais mercantilizada, segregada racialmente e militarizada, afirmamos que não é possível abordar os conflitos ambientais e as resistências protagonizadas pelas mulheres na Zona Oeste sem sua linha condutora: o racismo histórico, institucional, cotidiano, que sustenta o capitalismo patriarcal e ao qual resistimos e enfrentamos com auto-organização feminista periférica.

Não podemos pensar, por exemplo, a luta das marisqueiras e pescadoras nas áreas litorâneas sem entender que a maioria delas são mulheres negras. É preciso compreender quem são as mulheres nas periferias e sub-bairros. Quem são as meninas cotidianamente (des)cuidadas ou que sofrem abusos nos diferentes territórios? Que meninos estão sendo mortos ou estão

¹ Seminário que aconteceu na FEUC no bairro de Campo Grande - o seminário “Corpo, conhecimento e conflitos: resistências feministas e territórios em disputa”. Disponível em: <<http://www.pacs.org.br/2016/06/09/resistencia-feministas-e-territorios-em-disputa-e-tema-de-seminario-na-zona-oeste-do-rio-de-janeiro/>>.

em situação de vulnerabilidade? Que lugares são esses que as indústrias mais poluentes e mais agressivas escolhem para se instalar?

Vivemos os racismos todos os dias, suas raízes são históricas e estruturam as práticas institucionais que atingem as mulheres na Zona Oeste. Somos conscientes de que toda essa negação de direitos atinge, sobretudo, as vidas das mulheres negras e empobrecidas. A tais ameaças de genocídio cultural, marisqueiras, pescadoras, quilombolas, faveladas, agricultoras trazem sua milenar resistência. É com estas populações que aprendemos e avançamos em nossa auto-organização, protagonizada por mulheres negras, na construção de um feminismo periférico e antirracista.

Travamos a disputa com os mapas e representações oficiais, expondo a leitura política de nossa existência através de uma cartografia feminista, um mapa traçado por nós, mulheres moradoras, colaboradoras e militantes na Zona Oeste, construída coletivamente passo a passo no chão dos nossos territórios.

A mostra fotográfica que se segue apresenta alguns momentos desse processo de militância e reflexão coletiva. Nela apresentamos ícones e verbetes que integram a nossa cartografia feminista; e imagens que narram um pouco do percurso da militância investigativa ao longo dos três anos. Com essa mostra reafirmamos a potência das imagens e da arte enquanto ferramentas políticas de mobilização, comunicação popular e afirmação de saberes e conhecimentos próprios.

Ressaltamos que há ainda muito trabalho síntese, de organização das experiências e reflexão a ser feito por nós. Inclusive sobre a forma de construir auto-organização e conhecimentos, imaginada, sentida e vivida a partir da enorme criatividade e compromisso político que levamos na luta com a Militância Investigativa. Pois o trabalho de construção coletiva num coletivo diverso, que vivencia dissenso e consenso, tem tempos que não cabem nas lógicas de produção do tempo capitalista. Essa compreensão, que fez parte da inversão de prioridades entre “pesquisa” e “militância” também nos levou a encorpar a autoria coletiva enquanto aposta política. Ao compartilhar nossa experiência, buscamos contribuir para que novos debates e coletividades, dentro e fora da academia, possam afirmar a construção de conhecimento transformador em outros marcos.

Para conhecer melhor todo o processo vivenciado e construído entre na página www.militiva.org.br, onde estão os materiais (textos, vídeos, boletins) construídos por nós, além da cartografia completa.

DOI: 10.12957/rep.2018.36702



A Revista Em Pauta: Teoria Social e Realidade Contemporânea está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.



Corpos em movimento na Baía de Sepetiba.



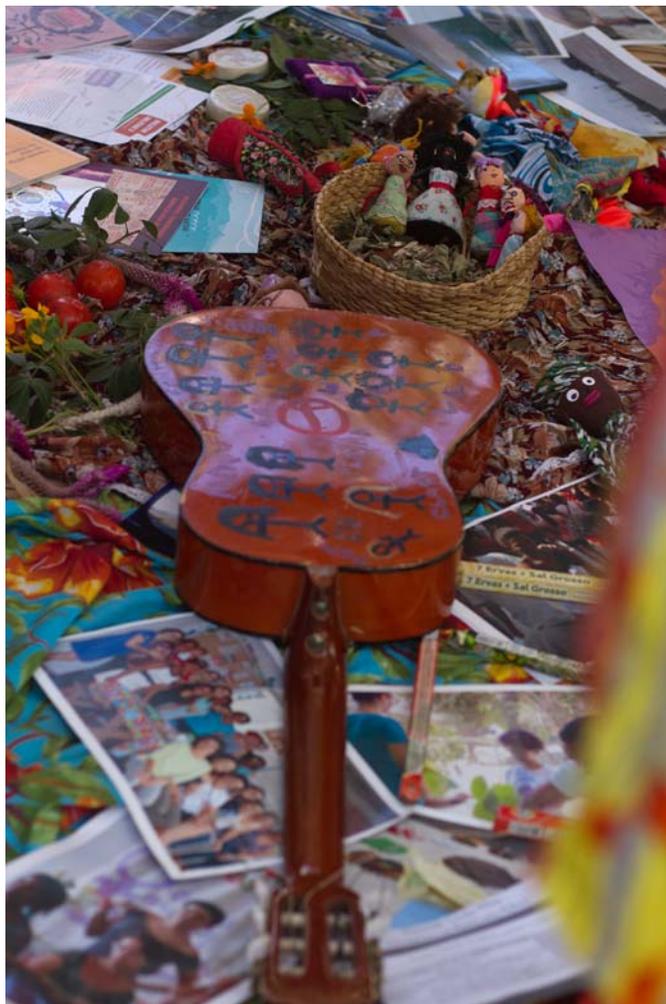
Feminismos são caminhos político-afetivos de construção do poder popular.



Caravana territorial no Maciço da Pedra Branca.



O avanço da especulação imobiliária visto do alto do Maciço da Pedra Branca.



Arte, cultura e nossas práticas libertadoras.



Qual o cheiro da sua infância? Resgatando saberes e memórias.



Lanche agroecológico e juventude auto-organizada.



Culinária de quilombo na defesa das culturas alimentares.



Ocupação feminista antirracista das ruas, praças e calçadões.



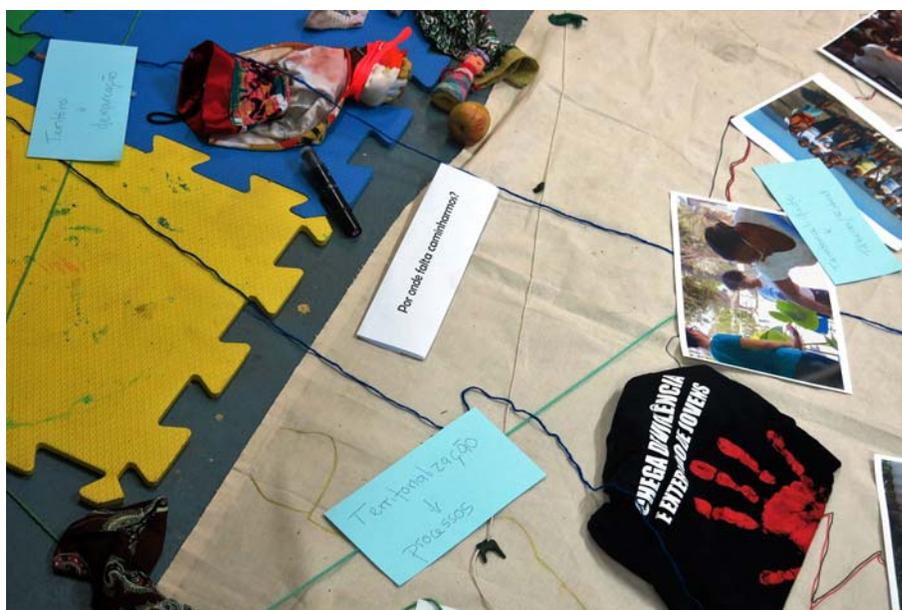
Mãos que cultivam alimentos e vínculos comunitários.



Mãos que cultivam lutas e resistências.



Assim é a construção de nosso conhecimento: um artesanato.



Construindo outros mapas com linha, tecido e agulha.



Construindo outros mapas desde nossos percursos, sentimentos e olhares.



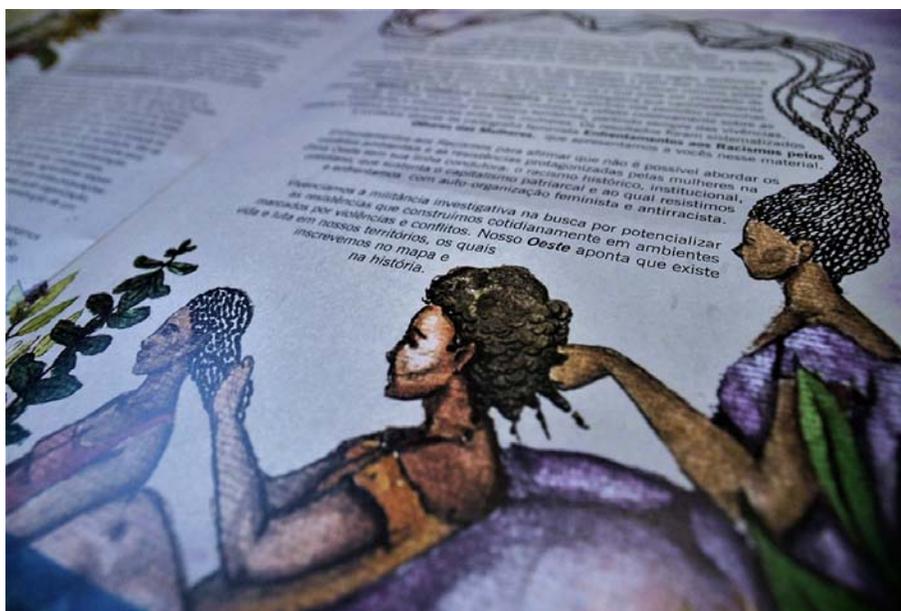
Nossos corpos estão no mapa!



Escrita coletiva dos verbetes.



Dobradura impressa da cartografia feminista “Enfretamentos aos racismos pelos olhares das mulheres”.



Cartografia: trançando e entrelaçando conhecimentos.



Cartografia: resistências na terra e no mar.



Os verbetes e o mapa: maciços, rios e fluxos de resistência.